

Murilo Portugal, presidente da Federação Brasileira de Bancos

# 'Grandes problemas vêm nos bons momentos'

Risco de o Brasil ser afetado pela crise na Europa é mínimo e problema da Grécia não foi a Olimpíada

Lu Aiko Otta / BRASÍLIA

O risco de o Brasil ser afetado pelos efeitos da crise na Europa é mínimo, avalia o presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Murilo Portugal Filho, que até janeiro deste ano era o número três na hierarquia do Fundo Monetário Internacional (FMI).

As relações comerciais e financeiras com os países mais afetados são pequenas e, no pior cenário, uma reestruturação da dívida grega, seriam tomadas precauções que evitariam uma nova crise bancária na Europa.

Questionado, em tom de brincadeira, se a Grécia havia se endividado dessa forma por causa da Olimpíada de 2004, ele disse que não. Explicou que os

gregos desperdiçaram uma grande oportunidade de modernizar a economia quando entraram para a zona do euro e passaram a pagar juros alemães. Em vez de investir e reformar a Previdência, eles gastaram. "Os grandes problemas surgem nos bons momentos", alertou. A seguir, trechos da entrevista.

## ● O mercado financeiro europeu está bastante tenso com a crise da Grécia. Que implicações ela pode ter para o Brasil?

Eu, quando estava no FMI, cuidava de 81 países, dos quais 18 eram europeus. Desses, alguns estão agora em crise como, por exemplo, Grécia, Portugal e Islândia. Acho que as implicações para o Brasil são pequenas, por duas razões. Primeiro, pelo tamanho desses países. Segundo, pelo tipo de relacionamento que o Brasil tem com eles. Quanto ao tamanho, a Grécia é o maior deles e representa 2% do PIB da Europa. Quanto ao tipo de relacionamento, há dois canais para contágio: um é o comercial e outro, o financeiro.

Imagino que, no caso do Brasil, será apenas o canal comercial.

## ● É grave?

No ano passado, de janeiro a dezembro, Portugal respondeu por 0,75% das exportações brasileiras e 0,32% das importações. A Grécia, 0,09% das exportações e 0,04% das importações. Em termos financeiros, o único país com que temos vínculo é Portugal. No total, o sistema bancário tem R\$ 3,8 trilhões em ativos, dos quais R\$ 163 bilhões são externos. E, desses, R\$ 163 bilhões, apenas 0,6% estavam em Portugal em 2010.

## ● Então, é pouco. Há muita especulação quanto a um agravamento da crise. O sr. acha isso uma possibilidade?

Não acredito. Esses países receberam ajuda financeira substancial tanto da União Europeia quanto do FMI. Eles estão realizando programas de ajuste que são importantes, que em vários casos têm ido razoavelmente bem. Acho que só ocorreria um agravamento se uma dessas circunstâncias deixasse de ser verdade, o que não acredito, ou se eles parassem de receber ajuda do FMI e da UE ou se parassem de realizar ajustes.

## ● E quanto à reestruturação da dívida grega?

Eu, pessoalmente, não sou favorável a esse tipo de solução porque não resolveria a maior parte dos problemas. Esses países têm déficits primários significativos, mesmo sem pagar um



**Crítica.** Para Murilo Portugal, a Grécia não fez a lição de casa

centavo de principal e juros. A única solução para déficit primário é ajuste fiscal, não adianta querer dar calote. A Grécia tem uma dívida alta, que era de 115% do PIB e chegará a 150% do PIB. Isso é um problema que poderia ser resolvido com reestruturação. Mas eu acho que é ilusório achar que a reestruturação é uma solução menos custosa do ponto de vista econômico do que um processo de ajuste. A América Latina reestruturou as dívidas na década de 80 e depois disso enfrentou duas décadas perdidas de crescimento. Se ocorrer uma reestruturação, que eu não acho recomendável,

ela será feita com todo o cuidado para não provocar efeitos no restante do sistema bancário europeu.

## ● Há duas reuniões, o Copom vem alertando para a complexidade do cenário internacional como um fator de incerteza. Mas, pelo que o sr. diz, a Europa é um pedaço menor.

Não acho que é menor. O cenário internacional é, de fato, complexo. Ocorreu e continua ocorrendo um processo de recuperação econômica dos países avançados, mas ainda lento, com desemprego elevado. Em razão disso, esses países man-

têm políticas monetárias bastante acomodáticas e isso tem impacto na economia internacional: estimula os fluxos de capital para outros países, o investimento financeiro em commodities e o aumento dos preços das commodities. É um processo de saída da crise que continua com os desequilíbrios globais de balanço de pagamentos que já aconteciam antes. Há países com grandes superávits e grandes déficits que são manifestações de distorções internas ou do sistema internacional. Tem vários elementos de complexidade que não são só o que está acontecendo na Grécia, em Portugal e na Irlanda.

## ● A Grécia ficou nessa situação por causa da Olimpíada?

A Grécia ficou nessa situação porque teve uma grande redução na taxa de juros quando se juntou ao euro. Teve taxas de juros alemãs. Aproveitou para se endividar e consumir, em vez de melhorar sua capacidade produtiva. Os grandes problemas surgem nos bons momentos. A Grécia teve dez anos em que desperdiçou, sem fazer ajuste, deixando a inflação interna ficar mais alta do que a dos parceiros comerciais, os salários crescerem mais do que a produtividade. Não fez a reforma da Previdência. Em suma, não aproveitou o período bom para fazer o que tinha de ser feito. Não tem nada a ver com a Olimpíada.

## ● Esse é um alerta para o Brasil? Não, estou falando sobre a Grécia.

## ● Algumas coisas soaram familiares.

Qualquer semelhança é mera coincidência.